

Atlas da ONU sugere relação entre carbono e biodiversidade

Pesquisador do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) afirma que documento pode dar margem a conclusões precipitadas

RENAN ALBUQUERQUE

Da equipe do EM TEMPO
renanalbuquerque@emtempo.com.br

O Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma, da ONU) lançou no último dia 5 deste mês um Atlas sobre carbono e biodiversidade, com foco no desmatamento em países tropicais, dentre os quais o Brasil tem destaque. O documento foi divulgado na 14ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada na cidade de Póznán (Polônia), e teve importantes reflexos em Manaus, onde se situa a sede do Programa de Pesquisa em Biodiversidade (PPBio) do Instituto Nacional

de outras áreas menos ricas em biodiversidade, que podem conter um conjunto único de espécies, conhecidas como "espécies endêmicas".

Oficialmente, a ideia do documento da ONU foi plotar duas informações (carbono e biodiversidade) juntas em um mapa, para que planejadores possam se embasar e tomar decisões fundamentadas nestes temas. Todavia, disponibilizar os dois dados ao mesmo tempo pode induzir o leitor a relacionar estoques de carbono com a biodiversidade, constatação que na opinião do pesquisador do PPBio não tem raízes acadêmicas sólidas. "Não existe uma relação direta entre biomassa (estoques de carbono) e o número de espécies em um ecossistema", explicou o biólogo, que é bolsista do Programa de Capacitação Institucional do Inpa e moderador do blog União Local de Ecólogos (ULE/Inpa), onde pesquisadores que atuam na Amazônia trocam experiências e avaliam questões contemporâneas sobre o meio ambiente.

Publicação divulgada pela Organização das Nações Unidas teve repercussão em Manaus

de Pesquisas da Amazônia (Inpa). O pesquisador Ricardo Braga-Neto, que atua em investigações sobre ecologia de espécies amazônicas, chamou a atenção à possibilidade de o Atlas da ONU dar a entender, indiretamente, que áreas com alta densidade de carbono e de espécies devem ser priorizadas em detrimen-

to de outras áreas menos ricas em biodiversidade, que podem conter um conjunto único de espécies, conhecidas como "espécies endêmicas".



Dados mais recentes sobre Bioma Amazônia foram sub-utilizados pela Organização das Nações Unidas. Novos levantamentos poderão complementar informações

A afirmação de Braga-Neto se baseia na mensuração utilizada pelo Pnuma. Segundo ele, para quantificar a biodiversidade da Amazônia, o órgão se baseou em poucas fontes. "Nos mapas do Atlas, as áreas com alta biodiversidade são aquelas em que três ou mais dessas fontes confirmaram esse padrão. Segundo

este critério, a Amazônia não tem grande biodiversidade, pois apenas duas das fontes possuem informações sobre a região, o que obviamente não reflete a realidade", disse o biólogo, destacando que outras fontes poderiam ter sido avaliadas também pela ONU para compor o Atlas. De acordo com o pesqui-

sador – o qual deixou claro que se trata de uma crítica construtiva e positiva acerca das análises do Pnuma –, existem tanto florestas pobres em espécies, mas com muita biomassa, quanto florestas riquíssimas em espécies, mas com baixa densidade de carbono. "Como nos trópicos a biodiversidade é pouco co-

nhecida, o Atlas subestima a importância de áreas imensas. Além disso, a congruência espacial entre áreas com alta densidade de carbono e de espécies não é representativa, o que reforça o temor em usar esse raciocínio sem outros critérios complementares para orientar políticas públicas", enfatizou.

Dados do Radam e PPBio não foram usados

Embora exista um conjunto muito maior de dados sobre a distribuição da biodiversidade na Amazônia que não foi usado no Atlas do Pnuma, como os dados

do Radam e os que o PPBio está gerando em diversos Estados da Amazônia, a biodiversidade ainda é pouco conhecida na região. É preciso fortalecer a fixação de

pesquisadores que fornecerão informações sobre quais são e onde estão as espécies. "Como o processo de acúmulo de conhecimento da biodiversidade é lento e de-

pende do número de pessoas envolvidas, é imprescindível que sejam direcionados recursos com urgência para atrair e fixar pesquisadores na Amazônia. De outro

modo, nunca existirão dados disponíveis para subsidiar políticas públicas para o meio ambiente", sustentou Braga-Neto, justificando sua posição ante o documento

divulgado pela ONU. Para conhecer mais, visite o blog da 'União Local de Ecólogos (ULE/Inpa) no endereço eletrônico: <http://www.uleinpa.blogspot.com>.

ARQUIVO



Objetos retornaram para lugar de origem e agora ficam sob guarda do Centro de Estudos e Revitalização da Cultura de Iauaretê

>> Para o lar

Uma centena de objetos indígenas são repatriados para São Gabriel

A Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (Foirn) abriu as portas de seu novo Centro de Formação, localizado no município de São Gabriel da Cachoeira (a 1018 km de Manaus), inaugurando a exposição Basá Busá - Ornamentos de Dança, que fica em cartaz até o primeiro trimestre de 2009.

O Centro de Formação da Foirn ocupa o andar térreo de um edifício projetado pela Brasil Arquitetura, construído com o apoio do governo do Estado do Amazonas e equipado com recursos do Ministério da Cultura, como parte do programa Pontão de Cultura.

A exposição de inauguração, denominada Basá Busá - Ornamentos de Dança, celebra o retorno de cerca de uma centena de objetos rituais indígenas retirados da

região pelos missionários salesianos, responsáveis pela implantação de missões religiosas ao longo da primeira metade do século 20 no Rio Uaupés.

É dirigida tanto à população urbanizada na sede municipal como àquela residente nas inúmeras comunidades indígenas situadas no interior do município. A extensão de São Gabriel da Cachoeira é de 100 mil km², e grande parte dela é reconhecida oficialmente como Terra Indígena.

Com a inauguração foi lançado o livro que conta a história do registro da Cachoeira de Iauaretê como patrimônio imaterial.

O retorno das Peças

Os ornamentos que compõem a exposição Basá Busá

(adornos de dança) formam um conjunto heterogêneo de peças recentemente repatriadas do Museu do Índio de Manaus para a região do Alto Rio Negro.

A exposição, que inaugura agora o Pontão de Cultura da Foirn, tem por finalidade dar visibilidade ao retorno desses objetos à sua região de origem, de onde saíram há muitas décadas. Nesse passado relativamente distante, sua guarda e uso pelos povos indígenas revestiam-se de caráter cerimonial.

Ficou estabelecido que os objetos repatriados são de propriedade coletiva dos povos indígenas da Bacia do Rio Uaupés, e permanecerão sob a guarda do Centro de Estudos e Revitalização da Cultura Indígena de Iauaretê (Cercii), que atuará como seu fiel depositário